



ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

63

**UMA PRINCESA QUE NÃO RECONHECIA SUAS PROSTITUTAS:
IMAGENS, DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DA
PROSTITUIÇÃO NA CIDADE DE CARUARU- PE, NAS DÉCADAS DE 60 E 70.**

Yago Felipe Campelo de Lima¹

Resumo: Esta comunicação é resultado da nossa pesquisa de Iniciação Científica do NUPESQ-FAFICA, a qual se encontra em andamento. Tomamos como ponto de partida a análise da cidade de Caruaru nas décadas de 60 e 70 e suas complexidades construídas historicamente a partir da vivência e da construção humana, para num segundo momento tentar apreender como tais processos sócio espaciais contribuíram para a produção de discursos e representações negativas e segregacionistas de determinados atores, a exemplo das prostitutas e mendigos, por aqueles que reivindicavam para si o papel de representantes da ordem, da moral e dos bons costumes. Para dá concretude as nossas perguntas nos apoiamos nas contribuições teóricas de Sandra J. Pesavento, Magali Engel, Margarethe Rago, Chartier e Mary del Priore, além das reportagens contidas no Jornal A Defesa de Caruaru (órgão pertencente à Igreja Católica que circulou entre as décadas de 30 e 80); e o Jornal Vanguarda (propriedade privada que circula há mais de 70 anos).

Palavras-chave: Cidade. Representação. Prostituição.

INTRODUÇÃO

Desde a fundação e o surgimento das primeiras cidades na História da humanidade, atribuída aos sumérios, povos que habitaram o sul da antiga Mesopotâmia onde atualmente encontram-se as regiões do Iraque, que estas trazem consigo e em torno si uma gama de significados e representações. Pensar cidades e suas complexidades implica perceber que estas são bem mais que meras demarcações territoriais e construções humanas erigidas ao longo do tempo.

¹ Graduando em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru- FAFICA- 6º Período. Professor de História na Escola de Tempo Integral Professor Rubem de Lima Barros- Caruaru- PE.

E- mail: sr.yagofelipe@hotmail.com

Aluno bolsista pesquisador do NUPESQ- FAFICA.

Orientador da pesquisa: Prof. DR. José Adilson Filho.

As cidades fascinam e encantam como disse Sandra Pesavento, e a maior prova de tal afirmação são os inúmeros trabalhos de pesquisa e escrita sobre essa temática que não para de crescer a cada dia, suscitadas, sobretudo pelo advento da Nova História Cultural. As cidades são bem mais que simples prédios, avenidas, praças, viadutos, casas ou construções empreendidas por seus moradores, ampliando os olhares veremos que ela é antes de tudo o lugar dos sonhos e das utopias. É o lugar do sentimento de pertence ao local em que se reside, dos entrosamentos, dos atores sociais que a compõem, é também o lugar das notícias corriqueiras do dia a dia, das recriações (sejam elas materiais ou imateriais), dos temores, das múltiplas representações. Cidade que também é o palco dos fatos que viram notícias; acidentes, economia, política, eventos, esportes e lazer, sendo até o lugar em que se encontram as fofocas da vida alheia. É ainda a cidade, sensibilidade e dinâmica, o resultado da construção cultural e social dos seres humanos ali residentes.

Para Sandra Pesavento a cidade é também:

“... sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos... A cidade é concentração populacional... cidade lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais.” (Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53).

Inúmeras são as definições para este lugar que denominamos de cidade. Assim sendo um tecido sempre renovado de relações sociais, vamos compreendendo que a urbe não carrega e nem traz consigo uma homogeneidade, um perfil apenas para caracterizar as diversas complexidades existentes dentro de seus limites, talvez uniformidade seja uma palavra estranha a qualquer cidade do mundo. Pois apesar de pertencer territorialmente ao mesmo lugar e compartilhar de pontos em comum isso não significa falar de homogeneidade, é, portanto necessário entender que quando falamos de cidade, falamos de diversidade, multiplicidade, diferenças e contrastes. A urbe ela é uno ao mesmo tempo em que é múltipla. Sendo assim podemos perceber e enxergar a cidade sob seus diferentes ângulos, e dizer que ela condensa as injustiças, a desigualdade, a segregação, a exclusão, a legitimação, da criação de entre tantas outras definições. Esta cidade é a mesma que se auto representa, através de seus membros (governantes e população), ora como moderna ora como conservadora, ou talvez como sendo a mistura desses dois elementos, ela também legitima a partir de seus valores dominantes aquilo que supõe ser bom ou ruim, legal ou ilegal, limpo ou sujo, moral ou imoral.

Para a legitimação e criação desse espaço múltiplo que é a cidade, as elites recorrem aos discursos ditos oficiais - partindo do pressuposto de que o que prevalece é aquilo que vem de cima - para a construção de imagens e representações “verdadeiras” sobre si mesma e tudo aquilo que nela contem. Concomitantemente é também esta mesma cidade o lugar da *exclusão*, ou melhor *das* exclusões, a mesma em sua rotina segrega, legitima ou não aquilo que lhe convêm. Ela implicitamente ou

explicitamente condena, valoriza e estigmatiza, as mesmas mãos que ajudam na construção da cidade, são as mesmas que excluem e marginalizam . E tais representações e imagens construídas nunca são neutras e sem intencionalidades, pois trazem consigo uma serie de pretensões de quem as produz, é o que nos conta Bourdieu:

“As representações do mundo social” assim constituídas, que classificam a realidade e atribuem valores, no caso, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes da urbe, não é neutra nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de sentidos, em consonância com relações sociais e de poder (BOURDIEU, 1982 apud PESAVENTO, 1995, p. 279).

A exemplo disso temos as prostitutas, os mendigos entre tantos outros sujeitos residentes da urbe que são sempre representados por quem detêm o poder do discurso de forma pejorativa, trazendo sempre a intenção de colocar tais indivíduos a margem dos espaços visíveis da cidade. Nesta pesquisa focamos nosso olhar de análise entre os muitos excluídos da urbe, sobre as prostitutas, vistas sempre como mulheres públicas, “desordeiras” e “perturbadoras” da moral e dos “bons costumes” como na maioria das vezes são enxergadas, entendendo que é antes de tudo também a cidade o lar dessas cortesãs, que fazem muitas vezes das ruas, avenidas e praças vitrine de amostra a quem desejar vê-las e possui-las.

Veremos ainda que a cidade é também aspiração ao desenvolvimento, ficando claro, que essa mesma cidade que se pretende moderna e, que vê no progresso as possibilidades de um profícuo futuro, não pode permitir que em seus espaços urbanos e públicos (coração da cidade), estejam objetos e pessoas que a enfeiem, que passem uma má impressão tornando o seus lugares públicos desagradáveis, escondendo assim também os problemas sociais existentes na cidade.

Tomaremos como referencial teórico para nossa discussão sobre as prostitutas na cidade de Caruaru- PE, PESAVENTO que analisa o espaço da cidade, suas construções e suas complexidades. Citaremos também ENGEL para demonstrar o lugar, os discursos e as práticas associadas à figura da prostituta e sua ligação com a cidade. Para a história da prática da prostituição na História do Brasil, na tentativa de demonstrar como tal fenômeno sempre esteve presente em nossa História e entre nós contamos com DEL PRIORE, e na cidade de Caruaru com os escritos de BARBALHO e CONDÉ, onde nesses relatos encontramos descrições plausíveis sobre algumas prostitutas da cidade e alguns cabarés.

A metodologia usada neste trabalho fora a leitura do referencial teórico, consiste na pesquisa realizada nos jornais A DEFESA órgão pertencente à Igreja Católica, que circulou até a década de 1980 (acervo do NUPESQ- Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru- FAFICA), e o jornal VANGUARDA de Caruaru que está em circulação até os dias atuais (acervo particular), permitindo-nos assim uma maior compreensão das imagens, discursos e representações sobre as prostitutas na cidade de Caruaru nas décadas de 60 e 70 do século XX.

CONSTRUINDO IMAGENS, DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS PROSTITUTAS.

“Existindo como o negativo atraente e ameaçador da família, as mulheres públicas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida [...] a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. [...] Ameaça para os homens e mau exemplo para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E por dinheiro colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras.” (DEL PRIORE, 2011, p.88-90).

Em um processo de seleção do que é bom na e para a cidade, podemos afirmar sem medo de errar que a figura da prostituta jamais será cogitada a entrar nesse ranking, pois são elas de cara identificadas como o oposto da “moral” e dos “bons costumes”, como a desordeira, destruidora das famílias e perturbadora dos espaços públicos. Desde os tempos do Brasil Colônia que as prostitutas sempre foram definidas com os piores atributos encontrados em nosso universo de palavras, na maioria das vezes vistas como um dos maus da sociedade, como nos conta Mary Del Priore. Uma cidade que estava caminhando para o desenvolvimento ou para a pretensão de desenvolvimento, como Caruaru nas décadas de 60 e 70, não podia conviver tranquilamente com este tipo de ser social. Era necessário mantê-las fora do ritmo das transformações que conduziriam a cidade ao desenvolvimento almejado por suas elites.

Era esse um período de agitação e mudanças, no campo da educação estava surgindo a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru- FAFICA, o Colégio Diocesano de Caruaru, nas comunicações a cidade ganhava mais uma rádio: a rádio Liberdade, noticiada no jornal A DEFESA no dia 10 de outubro de 1964. No dia 12 de setembro de 1964 no referido jornal o comentarista de uma coluna intitulada: A Cidade por Dentro – Edvaldo Barros – fazia uma crítica à permanência da tradição entre a população, alegando que esta atrapalhava o progresso da cidade que se pretende moderna. Era um período de perguntas e questionamentos sobre os espaços da cidade, sobre sua urbanização e desenvolvimento. Vejamos um trecho da matéria:

“O plano urbanístico da nossa cidade ainda está vivendo o aspecto arcaico do vilarejo. Da cidadezinha que se projetou fazendola- ganhou fama de habitação, porém conserva ainda u’a maneira importuna não condizente com a mentalidade de nossos tempos. [...] A cidade nunca poderá alcançar seu objetivo, se continuarmos nessa marcha de “matutos”, de milionários retrógrados que não ambicionam um palmo acima da cabeça. Olhemos o amanhã com otimismo meus senhores” (A DEFESA, 1964, p. 3).

Percebemos assim através da fala do comentarista, uma crítica veemente a permanência da tradição na mentalidade da população caruaruense, que foram identificados segundo o próprio como “matutos”, pois ainda não haviam despertado e atentando para o novo tempo de desenvolvimento que se instalara na Princesa do

Agreste. Era uma crítica e ao mesmo tempo um pedido, para que a população estivesse aberta ao que ele considerava como sendo o novo.

Nesse mesmo ano de 1964, foi visível também a ação do prefeito Drayton Nejaim, promovendo algumas mudanças no bairro do Vassoural e sobre o bairro do Salgado, sendo notificada no jornal A DEFESA no dia 26 de setembro do mesmo ano. Essa cidade que se pretendia moderna, também deveria ser limpa, era o discurso do Dr. Luís Pessoa, afim de que a capital do Agreste seja vista com bons olhos, na cidade que aspirava ao progresso até o saber médico interferia nos seus assuntos, como bem explicitou Magali Engel em seu livro *Meretrizes e Doutores*, ao fazer uma análise do saber médico sobre a prostituição na cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Nesse clima de desenvolvimento e mudanças as prostitutas também estão presentes, então porque silencia-las? Não seria melhor coloca-las em seu devido lugar, a margem da vida da cidade?

Ao mesmo tempo em que se noticiavam os pretensos avanços da Princesa do Agreste, o jornal A DEFESA não deixava também de noticiar os avanços e recuos dos prostíbulos e das prostitutas na cidade, mesmo que não aceitassem tal prática, não deixavam de discursar sobre o assunto. No ano de 1973 o jornal cria uma coluna intitulada: No Império do Sexo por Aleixo Leite Filho, dividindo este assunto em diversas partes, nelas falava-se sobre os bordéis da Rua Almirante Barroso e suas meretrizes, motivo de escândalo e preocupação para os falsos moralistas, incluindo nesse meio homens, que de dia criticavam tais mulheres e prática e no cair da noite tinham “surto de amnésia” e esqueciam o caminho de suas casas, lembrando-se unicamente dos caminhos que os conduziam aos “baixos meretrícios”. As elites cidadinas tentavam a todo custo encontrar possíveis formas de dar um jeito nesse assunto tão melindroso. Olhemos um trecho da matéria exibida no dia 06 de Janeiro de 1973 no Jornal A DEFESA, através do comentarista Aleixo Leite Filho:

Acredita-se, entretanto que o novo prefeito João Lira Filho, homem de experiência comprovada e confirmada por uma administração anterior, conhece bem os problemas da Rua Almirante Barros. É de se esperar que tenha em sua agenda a maneira como resolver este caso [...] Se aqui estas forças se mostrarem insuficientes que se busque, lá fora, os moldes das soluções aplicadas em cidades mais civilizadas que já passaram por este crivo [...] afim de que estas infelizes não continuem, encaridosamente, servindo de mau exemplo as mocinhas das famílias que residem em seu redor. A mudança da zona do Meretrício para, local mais reservado é problema que vem desafiando várias e respeitadas administrações.” (A DEFESA, 1973, p.5).

É importante perceber que tais matérias não eram apenas noticiários ou informações, é preciso analisar aquilo que não está sendo dito no escrito, mas que está nas entrelinhas do texto, que nos mostram o desprezo e o mal estar ao se falar da prostituição na cidade. As entrelinhas nos revelam pelo menos duas coisas: condenação e desprezo as prostitutas que habitavam os terrenos da Princesa. Elas eram para o autor, sem sombra de dúvidas um mal na sociedade caruaruense.

Até o bispo da Diocese de Caruaru Dom Augusto de Carvalho, que nessatrama discursiva entra como o representante da moral e do comportamento, escreve no dia 10 de Março de 1973 uma matéria intitulada: O Clube da Noite, contando do mal que faziam os bordéis e prostíbulos aos “meninos” que nem se quer começaram a viver e, que na saída de suas escolas à noite dirigiam-se para tais lugares. Era um pedido as famílias para que não deixassem seus filhos se corromperem com tais mulheres sujas, feias e destruidoras de famílias, eram esses estereótipos criados para as prostitutas de Caruaru. A sua escrita buscavaorientava a população afim de que a cidade não se tornasse uma Sodoma e Gomorra, ou que o povo não seguisse pelos caminhos errôneos que levam aos meretrícios. Vejamos :

“Está situado no centro da cidade. No meio das famílias. [...] não é raro vermos estudantes, de volta dos colégios, às vinte e duas horas, passando pelo centro do meretrício. Estudantes adultos? Não! Adolescentes, juvenzinhos. [...] Em nossa cidade, tudo isso. Depois queremos famílias moralizadas, sociedades também. [...] Fala-se muito de Sodoma e Gomorra. Será que estamos perdendo para elas não creio!”(A DEFESA, 1973, p. 3).

E interessante constatar que nunca os bons “meninos” eram culpados por irem aos bordéis “imundos” da cidade, pelo contrário eram retratados sempre como aqueles que eram seduzidos por essas “donas da noite”, eles eram mostrados como vítimas, quando na verdade eram os próprios que se dirigiam aos locais de prostituição. O bispo deixa claro na sua fala uma coisa, que não deixava de ser também a ideia que habitava no imaginário social: eram as prostitutas as culpadas pela perda da moral, da virgindade e da virtude dos “bons garotos”.

Assim vamos compreendendo que a cidade comporta diversas facetas e diversos discursos. A “cidade” desejada pelas elites não aceitava suas prostitutas tão visíveis e presentes na vida cotidiana. A todo custo tentava-se esconder e mascarar tal realidade existente nos territórios da Princesa, porém a Rua Almirante Barroso estava lá para confirmar sua presença indesejável. A rua que era vista como depreciativa e corrompedora dos bons costumes, por uns, era também vista como atraente e prazerosa por outros. A rua que comportava os mais famosos bordéis da cidade, não deixava também de ser a “fonte do pecado” para muitos, da Almirante Barroso emanava todo o mal e desvirtuamento da sociedade, bordel e prostitutas eram sinal da perda da “moral” Segundo Mary Del Priore:

“Bordel era sinônimo de... lupanar. Ali, o deboche era espetáculo e o prazer, efêmero e pago. O bordel era o teatro onde se encenava o simulacro do eterno desejo, o espetáculo de uma transgressão protegida e controlada. Considerado por uns uma fábrica de fantasias eróticas e por outros uma cloaca onde se despojavam imundícies, o bordel foi o espaço em que os prazeres menos confessáveis a floravam escondidos de toda publicidade.” (DEL PRIORE, 2011, p. 84-85)

Mesmo sabendo de tais realidades existentes, a cidade moralista não reconhecia suas meretrizes. A elas cabem os discursos marginalizantes de exclusão, como os

estereótipos construídos com o propósito de lhes colocar a margem das fronteiras da cidade, pois como diz Sandra Pesavento (2007): “A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam.” As representações criadas em torno das prostitutas eram tão difundidas entre a população, sobretudo a partir dos discursos oral e verbalmente, que acabavam se internalizando no inconsciente coletivo como natural, dispensando quase sempre alguma reflexão (PESAVENTO, 2012). As prostitutas são alvo de duras críticas empreendidas pelos defensores da ordem da Princesa, que esquecem que as mesmas fazem parte do seu território.

Não se é levado em consideração os motivos e causas que contribuíram para o crescimento e perpetuação de tal atividade, apontar e condenar era bem mais simples do que se debruçar sobre o assunto e encontrar possíveis soluções para o “problema”, problema este que não deixava de ser também extensão das possíveis condições da cidade. Ao estudar a prostituição na cidade do Rio de Janeiro do século XIX, *Magali Engel*, constata alguns fatores que poderiam ter levado essas mulheres a prática da prostituição e o contexto social não ficou a parte da pesquisa, pelo contrário foi apontado pela autora como tendo um grande peso. Qual era a realidade social da cidade de Caruaru nas décadas de 60 e 70? A cidade oferecia as condições necessárias para a empregabilidade dessas mulheres? De todas as mulheres? São indagações que precisamos fazer, para assim tecermos algumas reflexões acerca de nossas prostitutas².

Segundo Engel (2004): “Se levamos em conta a existência de preconceitos que restringiam muito as ocupações que podiam ser desempenhadas por mulheres” afirmaremos que na maioria das vezes a prostituição estava associada à falta de condições para a sobrevivência. “A prostituição permanecia assim, como uma alternativa importante de sobrevivência para a mulher...” (ENGEL, 2004 p. 25). Por não ter as condições necessárias à sobrevivência se prostituíam (DEL PRIORE, 2011). Com isso não queremos defender aqui que por falta de emprego a única solução seja o caminho da prostituição, mas apenas demonstrar como as condições sociais na maioria das vezes exerce grande peso nos destinos das prostitutas.

Mesmo os governantes da urbe sabendo de tal realidade, a prática da prostituição era vista e retratada nos jornais e nos meios de comunicação da época como a *podridão moral* como notícia o jornal A DEFESA no dia 05 de novembro de 1967. Fala-se nesta matéria de uma casa abandonada na Rua São Gregório no bairro Petrópolis que estava servindo de prostíbulo, o que era uma vergonha para as “boas famílias” que habitavam nas proximidades da mencionada rua. Causando vergonha e degradação moral aos moradores do bairro, moradores de uma cidade “civilizada” que continha três faculdades. Percebemos assim através dos discursos veiculados na cidade, que as prostitutas eram o oposto da civilidade e do progresso, as prostitutas não poderiam ser parte desse todo complexo que aspirava ao desenvolvimento e modernidade.

As meretrizes eram um “empecilho” nessa trajetória da ideia de cidade moderna. Elas deveriam ser combatidas, para isso usava-se todo tipo de ferramenta contra essas

² Não discutiremos neste momento as condições sociais da Cidade de Caruaru nas décadas de 1960/70, este será um dos tópicos mais tarde inserido na pesquisa que ainda encontra-se em andamento.

mulheres (representações, construções imagético- discursivas, estereótipos, o saber médico e etc.) com um único fim: a limpeza nos territórios da Princesa do Agreste. Durante toda a História do Brasil, a prostitua sempre esteve enquadrada na categoria da desordem, seja no nível social quanto no moral, era concebida como bem disse Magali Engel como “uma das muitas outras faces da cidade doente”.

REFERÊNCIAS

ADILSON FILHO, José. A Cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belo Jardimense. Recife: COMUNIGRAF, 2009.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DEL PRIORE, Mary. Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. História do amor no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Histórias e conversas de mulher. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

ENGEL, Magali. Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

_____. História e história cultural. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

RAGO, Margarethe. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.